

AVALIANDO A TRADUÇÃO LITERÁRIA

Lourdes Bernardes Gonçalves¹

Resumo

A tradução literária tem dificuldades específicas que faz com que sua avaliação seja um processo complexo. Neste trabalho serão examinados os parâmetros propostos por Juliane House (1981) e Peter Newmark (1988) na busca de uma avaliação objetiva, bem embasada teoricamente. Uma nova visão de tradução literária é apresentada como um dos novos rumos da tradução literária.

Palavras-chave: fidelidade; equivalência; manipulação.

Abstract

Literary translation presents specific difficulties that make its evaluation a complex process. In this work parameters proposed by Juliane House (1981) and Peter Newmark (1988) will be examined in search of an objective assessment, theoretically well founded. A new conception of literary translation is presented as one of the new lines of literary translation.

Key words: fidelity; equivalence; manipulation.

O ato da tradução, por envolver muitos procedimentos técnicos e processos mentais, é considerado difícil de ser avaliado. Ao mesmo tempo que técnicas têm que ser dominadas, a criatividade do tradutor, aspecto difícil de ser avaliado, é sem dúvida insubstituível para resolver os frequentes impasses que surgem durante o ato tradutório. A complexidade do processo leva o avaliador a se questionar sobre os objetivos de uma tradução em particular. Se é um texto informativo, o julgamento deve recair principalmente na clareza, no nível do discurso, na adequação ao provável leitorado. No caso da tradução literária, outros fatores en-

tram em jogo como fundamentais na avaliação. O estilo, a forma como um autor se expressa, é tão importante quanto o que ele diz. A tradução fiel deve portanto se preocupar tanto com a palavra escolhida como com o sentido. Este trabalho apresenta duas propostas de avaliação de tradução que podem ser usadas para a avaliação de textos literários, a proposta de Juliane House e a de Peter Newmark. Como exemplo, tomaremos três contos de James Joyce, retirados de seu livro de contos, *Dubliners* (1914), com traduções de José Roberto O'Shea e Hamilton Trevisan. São eles "Eveline", "After the race" ("Depois da corrida" - O'Shea / "Após a corrida" - Trevisan) e "Clay" ("Argila"). Por fim uma nova proposta de abordagem da tradução literária será mencionada, com suas inovações e dificuldades. Em relação às traduções usadas aqui, os textos traduzidos terão na referência o nome do tradutor, uma vez que é o que claramente diferencia as duas edições traduzidas.

Juliane House, em *A model for translation quality assessment* (1981), propõe critérios para avaliação de tradução de textos variados, entre eles textos literários. Alguns desses critérios se referem a problemas com as "dimensões situacionais", termo cunhado pela autora para designar as diversas circunstâncias do texto. São elas, (1) origem geográfica, (2) classe social, (3) tempo, (4) meio, (5) participação, (6) relação de papéis sociais, (7) atitude social e (8) área de comunicação; as três primeiras se referem ao usuário da língua e as cinco últimas ao uso da língua. A tradução será tanto mais fiel quanto mais se preservarem as dimensões situacionais. Procurando associar essas dimensões à tradução literária, passamos a comentar cada uma das dimensões de House.

A origem geográfica refere-se a dialetos locais que devem ser indicados de alguma maneira na tradução. O que mais se observa nas traduções literárias é que os dialetos permanecem como estão no texto original. Por exemplo, no

¹ Professora assistente da UFC, mestre em Literatura Inglesa pela Universidade de Oxford, Inglaterra.

conto “*Eveline*”, ambas as traduções analisadas deixaram intacta a expressão “*Derevaun seraun!*”² (JOYCE,1992:30), gritada pela mãe de Eveline, sem sequer uma nota do tradutor referindo-se a seu significado. Naturalmente, num texto dramático, a tradução de um dialeto incompreensível para a platéia seria essencial, e nesse caso o tradutor teria que procurar um registro fora da norma que mais se adequasse ao contexto social do texto original.

A classe social também diz respeito ao que House chama também de um dialeto, agora próprio de cada posição social. Geralmente o tradutor de obras literárias não tem dificuldade de manter essa dimensão no texto traduzido.

As questões relacionadas ao tempo se preocupam com a indicação de aspectos que caracterizem a definição temporal no texto. Esses indícios não podem ser apagados em qualquer que seja o texto traduzido, e nesse aspecto o texto literário não difere dos outros.

House classifica o meio como simples ou complexo, usando o conceito de Crystal-Davy (HOUSE,1981:43): simples, se o texto permanece numa só categoria (falado para ser ouvido ou escrito para ser lido); complexo, se envolve mais de uma categoria (como escrito para ser falado). A preservação desse aspecto também não é particular apenas do texto literário que é, nesse caso, tratado sem diferenciação.

A participação também é subdividida em simples e complexa; simples, se for escrita por uma pessoa como uma pessoa, e complexa, quando escrita por uma pessoa para caracterizar mais de uma pessoa, como no caso de um diálogo. No texto literário a fidelidade a essa dimensão está ligada à preservação dos diálogos, e às vezes também à observação dos discursos indiretos livres que possam surgir ao longo do texto.

House dividiu a relação de papéis sociais como simétrica e assimétrica, a primeira revelando solidariedade e igualdade entre o emissor e receptor, e a segunda aquela em que existe uma relação de autoridade entre eles. A escolha de palavras conotativas no discurso literário do texto traduzido deverá refletir fielmente a relação social entre os personagens entre si, entre o narrador e os personagens e também entre o narrador e o leitor idealizada pelo autor do texto original. Por exemplo, no conto “*After the race*”, rapazes se encontram com um “*ticket collector*” (JOYCE,1992:36) – “*trocador*” (O’Shea, JOYCE,1994:56) ou “*coletor de passagens*” (Trevisan, JOYCE,1998: 47) – idoso. O cumprimento dele para um dos rapazes - “*Fine night, sir.*” (JOYCE,1992:36) - foi traduzido por “*Boa noite, doutor!*” (O’Shea, JOYCE, 1994:56) e “*Boa noite, senhor!*” (Trevisan, JOYCE,1998:47). Ambas as formas refletem o respeito do trocador para com um jovem de posição social obviamente superior a dele.

A atitude social diz respeito aos graus de distanciamento ou proximidade social. House classifica cinco estilos, ou graus de formalidade: frígido, formal, consultivo, casual e íntimo. O nível consultivo é chamado de estilo normal, ou neutro, um estilo não marcado. O formal desvia-se do consultivo no sentido de que a participação de endereçado é até certo ponto extinta. São textos bem estruturados e elaborados, com seqüência lógica e fortemente coesos. Já o casual aproxima-se também do consultivo, porém com uma certa presença do não-explícito, sugerindo que a informação contextual é desnecessária; seria o estilo usado entre amigos e admite elipses e contrações. No texto literário é geralmente encontrado em diálogos, ou no narrador, quando o autor busca um efeito especial. O estilo íntimo reforça as características de aproximação e intimidade, e a sentença casual aparece reduzida a um padrão mínimo, com o uso de um tipo extremo de elipse e o máximo de informação contextual compartilhada; é o estilo usado por pessoas muito ligadas e íntimas. O nível frígido é um estilo extremo: formal, premeditado, geralmente utilizado para a educação e edificação dos leitores, ou também, em certos casos, usado para cartas formais de negócios. Na tradução literária, a preservação do estilo escolhido pelo autor é muito importante, tanto na escolha do tom do narrador como também do estilo de cada personagem evidenciado nos diálogos.

A área de comunicação é de todas as dimensões a menos importante na avaliação da tradução literária. Diz respeito não só à atividade ocupacional e profissional descrita, mas também ao campo ou tópico do texto no sentido mais amplo do que House chama de “área de operação” da atividade lingüística. É uma característica do texto mais evidente e importante nos textos técnico-científicos.

House diferencia os aspectos sintático, lexical e textual em cada dimensão situacional. No textual, que é o mais interessante do ponto de vista de tradução literária, um dos aspectos para o qual a autora chama atenção é a dinâmica de tema, onde se deve observar, na tradução, a presença dos padrões de relações semânticas, com que os temas aparecem e reaparecem num texto (repetições, referências anafóricas e catafóricas, pró-formas, elipses, sinónímias) e também a perspectiva da frase funcional, isto é, a disposição do tema e rema na frase. Tema é a parte da frase que se refere a fatos ou outras informações tomados como universalmente conhecidos ou revelados pelo contexto, os quais portanto não contribuem, ou apenas marginalmente, para a nova informação contida no discurso. Rema contém a nova informação. Num discurso não marcado, geralmente o tema precede o rema, enquanto que num discurso emotivo, ou de impacto, dá-se o inverso. É portanto importante numa tradução literária a preservação da ordem do tema e rema dada

² Segundo o lingüista J. M. Y. Simpson, consultado pessoalmente, a expressão seria uma corruptela do irlandês, significando “o prazer acaba em dor”.

pelo autor do texto original sempre que possível. Acrescenta-se o fato de que a ênfase é diferente se a informação é colocada em diferentes posições na frase. No conto “Clay” temos o período “*She was always sent for when the women quarreled over their tubs and always succeeded in making peace.*” (JOYCE,1992:78) Nota-se que o tema enfatiza o fato de que ela [Maria] era sempre chamada para resolver as discussões. A importância de ser Maria fica reduzida na tradução de Trevisan: “*Invariavelmente, quando surgia uma discussão por causa das tinas de lavar, as mulheres recorriam a ela, que sempre conseguia restabelecer a paz.*” (JOYCE,1998:97) O’Shea, por outro lado, preserva o tema/rema em sua tradução: “*Sempre era chamada a intervir quando as mulheres discutiam por causa das tinas de lavar e sempre conseguia apaziguá-las.*” (JOYCE, 1994:105)

House chama atenção também para a força ilocucionária do texto. Contrasta o termo automatização com *foregrounding*, termo cunhado por ela, definido como um recurso lingüístico para tornar o leitor consciente de uma forma lingüística em particular. A preservação de todas as figuras usadas pelo autor do texto original é justamente a preservação dos *foregroundings* e a sua importânciatorna-se imediatamente evidente na tradução literária. É preciso notar, entretanto, que a tradução das figuras literárias de um autor não é sempre possível, e o tradutor literário com frequência lança mão do artifício da compensação: sempre que não for possível preservar uma imagem, o tradutor introduzirá uma expressão figurada em outra passagem do texto. Mas sempre que possível, deve-se preservar a imagística do autor. Joyce, no conto “*After the race*”, usa uma metonímia para mostrar a imensidade que os jovens beberam numa celebração:

“*They drank Ireland, England, France, Hungary and the United States of America.*” (JOYCE,1992:36)

Esta frase foi traduzida por:

“*Brindaram à Irlanda, à França, à Hungria e aos Estados Unidos*” (O’Shea, JOYCE,1994:56)

e

“*Beberam pela Irlanda, França, Hungria e Estados Unidos.*” (Trevisan, JOYCE,1998:48)

Ambos os tradutores destruíram a imagem de Joyce e optaram pela norma, apesar de ela ter sido claramente infringida pelo autor do texto original. Teria sido melhor a tradução: “Beberam Irlanda, Inglaterra, França, Hungria, Estados Unidos.”

Peter Newmark, em *A textbook of translation* (1988) define quatro níveis de tradução, o textual, o referencial, o coesivo e o da naturalidade. O primeiro nível, o textual é a

transposição do léxico e gramática da língua original para equivalentes na língua do texto traduzido. Não há tratamento especial, por exemplo, para as expressões idiomáticas, ou figuras de linguagem; está no nível da tradução literal. Seria uma tradução que transformaria “it’s raining cats and dogs” em “está chovendo gatos e cachorros”, em vez de “está chovendo a cântaros”. Uma tradução literária obviamente não pode ser feita somente a este nível.

O segundo nível, o referencial, leva em conta o nível de fatos. A realidade na língua da tradução, seja ela real ou imaginária, deve às vezes ser explicitada para que fique tão clara como a presente no texto original. É uma suplementação necessária à adequação dos dois textos – original e traduzido - em relação à percepção do conteúdo.

O nível coesivo já abrange uma gama de operações mentais que o texto suscita, mais do que indica: são pensamentos que surgem, são pressuposições, é a avaliação do tom do texto de origem. Newmark divide o nível coesivo em estrutural e emocional, o primeiro indicando as palavras conectivas, e o segundo considerando-se o valor dialético. A preservação de um texto a nível coesivo é de vital importância no caso da tradução literária. No campo estrutural, por causa do tamanho dos períodos. Num conto, onde a compressão é uma característica formal importante, a preservação do tamanho das frases é um aspecto que deve ser considerado. Observe-se as traduções de uma passagem de “*After the race*”:

“*... smiles and nods by those in the car.*” (JOYCE,1992:32)

“*... sorrisos e meneios de cabeça pelos que estavam no interior do veículo.*” (O’Shea, JOYCE,1994:51)

“*... sorrisos e acenos de seus condutores.*” (Trevisan, JOYCE,1998:43)

Levando-se em conta o nível de coesão estrutural, a segunda tradução se aproxima mais do original: o tamanho da passagem é aproximadamente o mesmo. Porém, semanticamente, a primeira tradução está mais próxima do original, pois “*condutores*” de um carro é um tanto estranho, uma vez que só uma pessoa pode dirigir; e “*those in the car*” certamente não se refere somente ao motorista. Esse é um exemplo ilustrativo das dificuldades da tradução literária, onde o tradutor vive o constante dilema de o quê privilegiar, a forma ou o conteúdo.

Em relação à coesão emocional, o autor insiste na importância do que chama de fator dialético, que se manifesta como positivo ou negativo, emotivo ou neutro. A emoção do texto original (ou a ausência dela) deve ser reproduzida no texto traduzido. No conto “*Clay*”, a tradução de “*The fire was nice and bright*” (JOYCE,1992:78) foi “*O fogo estava forte e brilhante*” (JOYCE,94:105 e JOYCE,1998:97), tanto por Trevisan como por O’Shea. Nota-se que a palavra “*nice*”, com sua carga emocional positiva, se perde, substituída por “*forte*”, uma palavra nesse caso afetivamente neutra. Teria sido preferível a opção pela palavra “*acolhedor*”, que mante-

ria a idéia de aconchego idealizada pelo autor.

O nível da naturalidade, Newmark afirma, vai garantir a inteligibilidade do texto. No caso do texto literário, poder-se-ia até sugerir o contrário, pois a manutenção do nível de naturalidade garante que tanto o respeito à norma, como o desvio da norma, sejam preservados. É a situação da preservação dos *foregroundings*, apontada por House.

Newmark dedica um capítulo completo à tradução da metáfora, termo que usa de forma abrangente para várias figuras de estilo. Classifica-as em metáforas mortas, clichés, padronizadas, adaptadas, recentes e originais. Diz que na tradução literária as metáforas originais, criadas pelo autor, devem ser preservadas, mesmo se estranhas, ou até especialmente se estranhas, pois deve haver o mesmo nível de naturalidade (ou não-naturalidade) no texto de origem e no texto traduzido. Como tradução da frase introdutória de

“After the race” – “The cars came scudding in towards Dublin, running evenly like pellets in the groove of Naas Road” (JOYCE,1992:32)

temos:

“Os carros deslizavam em direção a Dublin, numa velocidade constante como bolas na caneta em Naas Road.” (O’Shea, JOYCE, 1994:51)

e

“Os carros corriam em direção a Dublin, voando como balas na pista da estrada de Naas.” (Trevisan, JOYCE,1998:43)

Apenas na tradução de O’Shea a imagem é mantida. O nível de naturalidade na tradução de Trevisan foi alterado, uma vez que “voando como balas” é uma expressão de naturalidade maior em português do que a referência de bolas na caneta de uma pista de boliche.

Em outro capítulo, Newmark apresenta uma gradação nos métodos de tradução. Entre os que dão ênfase à língua fonte, ou língua de partida, estão: tradução palavra-por-palavra, tradução literal, tradução fiel e tradução semântica. Os métodos que privilegiam a língua-alvo, ou língua de chegada, se classificam em adaptação, tradução livre, tradução idiomática e tradução comunicativa. Dentre todos esses métodos de tradução, Newmark aponta apenas dois que alcançam os dois principais objetivos da tradução, precisão e economia. São eles a tradução semântica e a comunicativa, a primeira escrita no nível lingüístico do autor, e a segunda no nível lingüístico do leitorado. Numa primeira avaliação, Newmark sugere a tradução semântica para textos que classifica como *textos expressivos*, como é o caso da tradução literária, e a comunicativa para *textos informativos* ou *textos vocativos*. Observa-se, no entanto, que há casos em que, por causa do nível de coesão ou da naturalidade, a tradução

comunicativa se apresenta como a mais adequada.

Enquanto em House e Newmark se percebe uma preocupação de equivalência do texto traduzido ao texto original, e onde todo o esforço da tradução se canaliza na busca da maior fidelidade possível, - residindo o problema no próprio definir de “fidelidade” – outro grupo de estudos da tradução tem objetivos diversos. Aparece uma nova abordagem de tradução, representada por André Lefevere, José Lambert, Theo Hermans e Susan Bassnett-McGuire. Foi também chamada de “Escola de Manipulação”, e consiste basicamente em adaptar uma obra literária a um público diferente, com a intenção de influenciar a forma como o público lê a obra. Esse *approach* estende-se não só à tradução literária, mas também à crítica, historiografia, ensino, edição de antologias, entre outras atividades.

No caso da tradução literária, o fato de se priorizar marcadamente o polo receptor, não aproxima essa tradução da abordagem comunicativa de Newmark, uma vez que a tradução agora envolve uma *reescritura*. Falou-se nos anos 80 de uma “refração” do texto, termo cunhado por Lefevere. A metáfora ótica se refere ao fenômeno de desvio do raio luminoso quando entra em outro meio, e também ao efeito do arco-íris proveniente da luz branca quando refratada, sugerindo vários caminhos interpretativos, dando origem a textos refratados que por sua vez refratam outros, e assim por diante. A noção de refração se opõe, ainda na imagística da ótica, à reflexão, que sugere a reprodução exata da imagem. Lefevere se preocupa com o papel da tradução na cultura da língua de chegada. Afirma que a tradução abre caminho para a subversão e transformação, já que coloca uma cultura-fonte face a uma cultura-alvo. Se a literatura da língua de chegada tem uma auto-imagem positiva, a tendência será de neutralizar os textos estrangeiros que pretenderem normatizar sua cultura; se, ao contrário, a auto-imagem da literatura local for negativa, a tradução trará uma perspectiva libertadora. Poder e autoridade são aspectos centrais na visão de Lefevere. Vieira aponta os papéis da tradução nessa perspectiva:

“Dentre os seus papéis, a tradução preenche uma necessidade, pois o público terá acesso ao texto; permite a expansão de uma língua; confere autoridade a uma língua; introduz novos recursos na literatura receptora; pode constituir uma ameaça à identidade de uma cultura; pode ser usada como meio de subversão de autoridade; pode exercer um papel importante na luta entre ideologias rivais ou poéticas rivais; pode conferir uma certa imunidade na medida em que os ataques à poética dominante podem passar como traduções; pode conferir a autoridade inerente a uma língua de autoridade a um texto originalmente escrito em outra língua que não tem essa autoridade; por um efeito cumulativo, ela estabelece um cânone translingüístico e transcultural.” (VIEIRA,org.1996:146).

Vieira fala também na “*pós-modernidade tradutória na sua ruptura da visão da literatura como reflexo ou da*

tradução como representação especular do original” (VIEIRA, org. 1996:139) Não fica claro como a realização da tradução propriamente dita poderia ser afetada por essa visão de função e poder da tradução, exceto na escolha da tradução a ser feita e talvez alguma introdução aposta a ela, o que é raro ser feito pelo tradutor da obra. Há entretanto a clara sugestão de que o grupo sanciona a interferência do tradutor no texto original. Nesse caso, todos os critérios de avaliação aqui estudados deixam de se aplicar no exame das traduções orientadas no sentido do grupo de Lefevere, uma vez que fidelidade ao texto de partida deixa de ser o objetivo maior da tradução. Kremer e Silva pondera:

“Pergunta-se, no entanto, se o elemento da avaliação e julgamento pode ser completamente dispensado, uma vez que esse ponto de vista coloca os acadêmicos da ‘Manipulação’ numa posição extremista.” (VIEIRA,org.1996:155)

É evidente que a divulgação da literatura estrangeira é uma atividade onde o potencial de influência e até interferência no país de chegada é evidente. A importância dos textos refratados, tais como introduções, notas, comentários sobre tradução se segue como um corolário. Mas a questão de interferência deliberada num texto original é sem dúvida um sério problema com implicações éticas e a polêmica sobre esse tipo de tradução é inevitável.

BIBLIOGRAFIA

- HOUSE, Juliane. (1981) *A model for translation quality assessment*. Tübingen: Gunter Naar Verlag.
- JOYCE, James. (1998) *Dublinenses*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, tradução de Hamilton Trevisan.
- JOYCE, James. (1993) *Dublinenses*. São Paulo: Siciliano, 2ª edição, tradução José Roberto O’Shea.
- JOYCE, James. (1992) *Dubliners; A portrait of the artist as a young man; Chamber music*. New Jersey: Grammercy Books. Avenel.
- KREMER E SILVA, Marie-Anne Henriette Jeanne. (1996) Mary Snell-Hornby: Translation studies – an integrated approach. In: VIEIRA, E.R.P.V. (org.). *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos.
- NEWMARK, Peter. (1988) *A textbook of translation*. New York: Prentice Hall.
- VIEIRA, Else Ribeiro Pires Vieira. (1996) André Lefevere: A teoria das refrações da tradução como reescrita. In: VIEIRA, E.R.P.V.(org.). *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos.